



## A figura do feminino retratada na mitologia

Bernardo Goytacazes de Araújo

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da UFJF.

Aluno do Curso de Especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea da UFJF.

Formado em Filosofia pela UFJF.

[bernardogoyara@hotmail.com](mailto:bernardogoyara@hotmail.com)



*“Amantes da natureza  
Eles são incapazes, com certeza  
De maltratar uma fêmea  
Ou de poluir o rio e o mar  
Preservando o equilíbrio ecológico  
Da terra, fauna e flora  
Pois em sua glória o índio  
Era o exemplo puro e perfeito  
Próximo da harmonia, da fraternidade, da alegria  
Da alegria de viver”*  
(Letra da música: Todo dia era dia de índio  
Autor: Jorge Ben Jor)

## **I – Os mitos e sua atualidade**

A Sociologia moderna, ao longo de suas novas análises sobre os convívios sociais, não percebe mais o mito como uma visão secundária de entendimento ou de mundo. Sendo assim, segundo Malinowski e Fraser (The Golden Bough, 1911-15), o mito não é mais uma simples narrativa da realidade, nem uma forma simplificada de ciência ou de entendimento humano, mas vem a cumprir um papel todo especial e particular no que se refere a uma ligação do humano com a natureza, com a tradição, com um processo de continuidade do arcabouço cultural em que se está inserido. Permitindo ir além, na questão da relação entre os humanos e suas comunidades, bem como a relação que havia entre o próprio conjunto social que os cercavam. Pois se percebemos um integrante do grupo, fazendo um relato de sua tradição e de sua construção histórico social, é porque esta vivência se dá na coletividade.

“A função do mito é, em resumo, reforçar a tradição e dar-lhe maior valor e prestígio, vinculando-a à mais elevada, melhor e mais sobrenatural realidade dos acontecimentos iniciais. Nesse sentido o mito não se limita ao mundo ou à mentalidade dos primitivos. Este se mostra enquanto indispensável em qualquer cultura.”<sup>49</sup>

Ao observarmos as mudanças históricas de cada grupo, percebemos que o conjunto social e explicativo de sua realidade também se alteram. “*Cada mudança histórica cria sua mitologia, que, no entanto tem relação indireta com o fato histórico. O mito é acompanhamento constante da fé viva, que precisa de milagres, do status sociológico, que pede precedentes, da norma moral que exige sanção.*”<sup>50</sup>

Ao refundar esta realidade em que se vive, o humano procura transcrever seus elementos constitutivos mais importantes e que fazem o desenvolvimento de seu grupo acontecer. Por isso é comum, observarmos na realidade dos relatos míticos, a presença do

---

<sup>49</sup> ABBAGNAMO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes. p. 674 e 675

<sup>50</sup> Myth in Primitive Psychology, 1926, in Magic, Science and Religion, 1955, p.146

sagrado representado pela figura do feminino. Esta feminilidade possibilita a fecundidade da terra, o desenvolvimento dos povos, a origem das águas, a condição de possibilidade em salvar o povo, e tantas outras características que fazem da figura feminina, algo de mais sagrado.

Em um conjunto cultural na maioria das vezes a figura do masculino predomina como viril, forte e capaz de alterar a realidade em que se vive, ou mesmo pela garantia do sustento da terra e pelos proventos da caça. A figura feminina, de uma outra maneira, vem pontuar seu local nos mitos, sejam eles de **origem**, que dirão como foi a origem de certos elementos, costumes, tradições culturais ou **cosmogônicos** referentes à criação do universo, da organização dos caos – universo em desordem - em um cosmos – universo organizado -, de maneira a levar o desenvolvimento da tribo, do clã, ou do grupo em que se está. É na figura do feminino que o sagrado propicia a maior parte de suas ações. É na fecundidade da mulher, assim como da terra, que a força e o sustento chegam à tribo, garantindo assim a sobrevivência da cultura local e da atualização dos mitos, por meio dos rituais sagrados que, periodicamente, dão uma dinâmica ao convívio social do grupo.

## **II – Os mitos indígenas e a importância do feminino**

Ao tomar como exemplo o mito de “Bachué y el origen del hombre” (Mito Muisca<sup>51</sup>) podemos observar a importância da mulher como sendo a mãe de todos os homens.

“Un día las aguas de la laguna, azotadas constantemente por los vientos del paramo, empezaron a temblar, creando una serie de ondas que iban del centro hacia la orilla. El temblor fue aumentando hasta que, en medio de una gran cantidad de burbujas que emergían del fondo, apareció una hermosa mujer con el torso desnudo, que llevaba en sus manos un pequeño niño, como de tres años:

---

<sup>51</sup> Os índios muisca habitaram na antiga região do altiplano no centro da Colômbia. Estes foram um povo mais desenvolvido que os conquistadores encontraram no atual território da Colômbia e tinham como especificidade o trabalho que desempenhavam com ouro, com a exploração de sal e na manufatura de tecidos de algodão. (Seminário sobre a Filosofia dos mitos indígenas – Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – Prof. Dr. Ricardo Vélez Rodríguez. p. 22 / GALINDO, Caballero; GARCIA, Lopez. *Mitos e lendas da Colômbia*.

era Bachué, la madre de todos los hombres.”<sup>52</sup>

Do relato dos muiscas pode-se observar que a origem dos povos está ligada a um conjunto lacustre (formação feita por dois lagos que são Tinjacá, Hunza e no meio destes se encontra a bela lagoa de Iguaque), bem como a uma mulher que sai destas águas primordiais e que vem trazendo consigo uma criança, ou seja, ela se torna a mãe de todos os homens. Há na América Latina outras tradições que fazem da mulher, saída das águas primordiais, a grande protetora e orientadora dos passos dos humanos, bem como sua grande mãe, rainha e provedora, como é o caso de Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá. Ambas tradições são muito fortes, em especial no Brasil, no estado da Bahia, onde o sincretismo religioso concentra seu cume de ação e de profissões de fé.

Bachué, como na maioria dos relatos em que o feminino está presente, traz a fertilidade a Terra e aos povos da região do Iguaque, pois além dela procurar a terra mais agradável e mais propícia ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento de seu filho, ela é extremamente fecunda, pois a cada parto, trazia ao mundo cerca de quatro a seis filhos. “*El matrimonio de Bachué fue feliz y prolífico, pues en cada parto, nacían entre cuatro y seis hijos. Poco a poco la Tierra se fue poblando (...)*”<sup>53</sup>.

Ao perceber-se mais velha, Bachué resolve com o seu esposo, regressar ao local onde outrora tudo havia começado e deixa, como mãe de todos, um legado aos seus para que estes se mantenham em paz, respeitem as leis e prestem cultos aos deuses. Há um retorno ao que fora primordial, base de todas as coisas. E ao tocarem as águas “*ambos se convirtieron en grandes serpientes que rápidamente se perdieron en las profundidades y nunca más volvieron a aparecer (...)*”<sup>54</sup>.

Há, no entanto, uma visão muito diferente da relação entre a mulher e a serpente, neste mito, com o mito judaico cristão da criação, pois nesse a serpente é causa do pecado

<sup>52</sup> Seminário sobre a Filosofia dos mitos indígenas – Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – Prof. Dr. Ricardo Vélez Rodríguez. p. 22 / GALINDO, Caballero; GARCIA, Lopez. *Mitos e lendas da Colômbia*.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Idem.

e conduz a mulher ao erro. No mito de Bachué, a serpente é vista como animal de prosperidade, fecundidade, não tendo uma visão negativa da mesma. O que já não se fundamenta no mito judaico-cristão:

“A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher (Eva): ‘É verdade que Deus vos proibiu de comer o fruto de toda árvore do jardim?’ A mulher respondeu-lhe: ‘Podemos comer o fruto de todas as árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: vós não o comereis e nem o tocareis para que não morrais.’ ‘Oh não, disse a serpente, vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que no dia em que dele comeres, seus olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.’”<sup>55</sup>

### **III – A mulher na mitologia judaico – cristã e na mitologia indígena**

No relato bíblico a serpente vem trazer o mal para a humanidade, que já estava criada. A mulher aceita a grande proposta de poder comer do grande fruto que estava no centro do jardim. Mas era o fruto proibido. Ao transgredir a regra há um pagamento e uma punição, pois Eva também oferece do “erro” ao seu par, e o coloca também em situação ‘pecaminosa’. Deus então interroga a mulher sobre o porquê dela se perceber enquanto nua, e Ele então fica sabendo que a mulher<sup>56</sup> provou do fruto proibido. Assim sendo, o casal será expulso do paraíso, tendo o homem que trabalhar com o suor do rosto e à mulher coube a dor maior e mais intensa, que seria parir. Entretanto, a serpente também leva uma grande punição, pois ao ser interrogada Deus a pune dizendo: *“Porque fizestes isso, serás maldita entre todos os animais e feras do campo. Andarás rastejando sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida. Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta lhe ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.”*<sup>57</sup>

Há uma participação da mulher neste desenrolar da história, pois é o feminino quem

<sup>55</sup> Bíblia sagrada – Ave Maria – Gn 3,1-5

<sup>56</sup> Só depois de todo o processo de expulsão do paraíso e das sentenças de culpa é que Adão colocará o nome na mulher: Eva a mãe de todos os viventes (Gn 3, 20 Eva em hebraico significa Hava – vida), assim como Bachué! Até então, no relato bíblico a fêmea só era chamada de ‘a mulher’. Adão é aquele que vai nomear todas as coisas, inclusive a própria companheira.

<sup>57</sup> Idem. Gn 3,14-15

ficará responsável por trazer o povoamento à Terra. Tanto no mito bíblico, em que Eva<sup>58</sup> terá seus filhos Caim e Abel, quanto nos mitos indígenas, como é o caso de Bachué que sai das águas primordiais trazendo sua criança, a mulher é a responsável por dar iniciação ao processo da vida, conduzindo consigo os primórdios da vida!

Entretanto, na mitologia indígena, em algumas tribos ou povoados, a mulher tem um papel de trazer a orientação, a organização daquele grupo. *“El pueblo, entristecido por su partida, ida detrás. Al llegar a la laguna Bachué se dirigió a todos y les dijo que debían mantenerse en paz, respetar las leyes y rendir culto a los dioses. En medio de las lágrimas se despidió, tomo de nuevo la mano de su marido y caminó con él hacia la orilla de la laguna.”*<sup>59</sup> Ou seja, antes de partir, Bachué deixa uma relato ao povo dizendo aquilo que deveria ser feito. Três elementos essenciais são apontados para a comunidade, que se encontra entristecida pela partida da grande mãe dos homens: 1) manter-se em paz, pois se o povo permanecer em paz, haverá prosperidade, crescimento e todas as organizações e sentidos daquela população se manterão ao longo do tempo. 2) respeitar as leis – para que haja paz no meio do povo é fundamental que todos cumpram as leis e os deveres do coletivo, para que não haja desavença ou discordância no meio comunitário. O princípio de respeito ao caráter legislador é fundamental para manter o grupo coeso e partilhando das mesmas práticas, cultos e hábitos. E isso só é possível se houver um consenso em torno daquilo que venha a ser verdadeiramente a causa de unificação dos povos, e isto ocorrerá com o terceiro ponto. 3) render culto aos deuses, pois estes povos devem saber prestar homenagens e cultos àqueles que lhes fazem prosperar e manter a unidade das terras. Ter os deuses em comum, e fazer com que a comunidade se sinta inserida nos ritos, faz com que o mito seja atualizado, por meio das práticas cerimoniais. É fundamental que o povo tenha crença na mesma coisa, pois perceber as manifestações do sagrado será uma prática muito bem vinda e que fará da liderança comunitária, um legitimado a falar e a comandar a organização tribal, por meio das leis, promovendo a paz interna.

<sup>58</sup> “Adão conheceu Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: ‘Possuí um homem com a ajuda do Senhor’. E deu, em seguida, luz à Abel, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor e Caim lavrador.” Bíblia sagrada – Ave Maria (Gn 4, 1-2).

<sup>59</sup> Seminário sobre a Filosofia dos mitos indígenas Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – Prof. Dr. Ricardo Vélez Rodríguez. p. 22 / GALINDO, Caballero; GARCIA, Lopez. *Mitos e lendas da Colômbia*.

#### **IV – A princesa de Guatavita**

Outro relato importante sobre a figura do feminino na mitologia indígena é o mito de Guatavita, com sua grande princesa, que nas noites de lua cheia, emergia do fundo da lagoa, passando sobre a grande neblina produzida. Entretanto a história desta bela princesa está ligada com uma grande história de amor não correspondido. Seu marido, o grande chefe da tribo, começou a ocupar-se mais com os afazeres de governo, deixando-a um pouco afastada. A princesa suportou por algum tempo este afastamento prolongado, até que um dia se apaixonou perdidamente por um guerreiro da tribo. E este amor se correspondeu. Até que o grande chefe ficou sabendo do ocorrido.

Para fazer vingança ao fato, mandou servir um grande banquete em honra de sua esposa. Esta comeu um coração que parecia de um cervo, mas na verdade era o coração do grande amor de sua vida. Então a princesa toma sua filha consigo e segue em direção a grande lagoa, onde se lançou ao fundo. Tempos depois, o cacique solicitou aos seus sacerdotes que verificassem o que havia ocorrido com sua filha e com a princesa.

Eis então, que os sacerdotes descobriram, quando entraram nas profundezas das águas, que a princesa estava feliz, vivendo no reino das águas, mas a filha do casal havia morrido, tendo o cadáver, nas mãos do sacerdote, como prova<sup>60</sup>.

Temos neste relato uma conjugação que se mostra muito perversa ao feminino que é o binômio poder e amor. O cacique se preocupava cada vez mais em manter o desenvolvimento de seu agrupamento, no entanto deixou de lado a bela esposa. Esta, por sua vez, se mantém fiel ao marido por muitos anos, até que o amor volta a seu coração, correspondido pelo grande guerreiro. Este lhe devolve a vida, a coragem e o bem querer. Até a hora do banquete, em que ao servir o coração do guerreiro, o cacique se vinga de toda a trama que lhe fora imputada.

---

<sup>60</sup> Idem.

Ao comer o coração, a princesa se alimenta daquilo que havia de mais puro e verdadeiro no guerreiro. Ele ingere não só a força, mas também as idéias, a coragem e o zelo com os quais ele a tratava, mesmo ela não sabendo que o coração pertencia a ele. A linguagem mítica nos propicia esta figura de linguagem, a ponto de fazer com que a mulher sai fortalecida de toda esta trama vingativa!

Ao chegar de encontro às águas, com sua filha, a princesa encerra um ciclo que viveu e dá por encerrado o fruto daquele amor não correspondido. Ela se anula, anulando tudo aquilo que permeou a relação entre ela e o cacique. Assim sendo, no fundo das águas ela encontra seu lar, para poder viver os sentimentos mais profundos que enlaçam seu coração e sua vida. O grande amor fora morto pela ganância do poder e da riqueza.

Outro ponto interessante, é que a lagoa toma ‘status’ de sagrada, dando origem a outro mito, como o do El Dourado. As águas primordiais abrigam as grandes mulheres, ou dão origem aos grandes mitos em que o feminino desponta das águas trazendo a vida e povoando as tribos e as comunidades dando a manifestação do divino nestes povoamentos.<sup>61</sup>

### **V – O mito do El Dorado**

Ao falarmos sobre o simbolismo que a mitologia Ameríndia nos propicia, um relato importante, que também vem em nossa tradição e se tornou bastante influente fora o mito do El Dorado. Também na tradição dos povos muiscas, fizeram com que muitos espanhóis ali fundamentassem suas buscas atrás das grandes quantidades de ouro.

Todo o ritual que se passava, com os indígenas da região dos muiscas, era celebrado na grande lagoa de Guatavita, pois isto já lhes era comum na tradição desde a grande princesa Guatavita, quando esta se instalou no fundo da lagoa, sendo assim, a rainha das

---

<sup>61</sup> “Um ponto em comum, com a crença religiosa são as figuras de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes, em que a mulher – a presença do divino manifestada no feminino que sai das águas e se manifesta no meio do povo, propiciando a devoção e a religiosidade da comunidade.”

águas. O ritual ali celebrado, era o do príncipe herdeiro, ou seja, aquele que viria a governar a grande tribo. Para ser este príncipe herdeiro, o candidato passava por um longo processo de provas, que faziam parte do ritual. O candidato ficaria escondido em uma caverna, pois não poderia ver a luz do Sol, por um certo tempo. A comida também era limitada a certos tipos de alimento não eram permitidos. Tudo isto como um grande rito de purificação para que ao final, o herdeiro pudesse tomar posse da comunidade.

Para que a cerimônia desse início, ele era conduzido a Guatavita, e lá era preparada uma grande balsa de junco, adornada ricamente com ouro, além de possuir uma série de perfumes que exalavam um cheiro extremamente agradável em toda a comunidade. Todos os presentes se adornavam com as melhores roupas e vestimentas.

O herdeiro então era desnudo de suas roupas e se cobria com ouro em pó (faz-se uma alusão ao Deus-Sol) colocando a seus pés outros tipos de pedrarias preciosas. Tudo isto era oferecido à deusa da lagoa como forma de agradecimento pela vida do herdeiro que viria a governar o povoado.

Na metade da travessia, tanto o herdeiro, como os caciques jogavam seus adornos de ouro na lagoa e em seguida mergulhava nas águas da lagoa sagrada, para ser embebido pela grande benção da rainha das profundezas – das águas – e ao regressar na margem teria a aclamação do povo como novo cacique. Ou seja, no cerimonial, a figura do feminino, enquanto representada pela lagoa, dá a legitimidade a todo o processo de eleição do herdeiro do povo<sup>62</sup>. As águas primordiais dão sustentação a todo o povo e fazem com que a comunidade atualize seus mitos, por meios de uma ritualística toda própria e particular, em torno das águas que rodeiam a região. A lagoa proporciona não só a vida material com a água, como também se torna o grande centro de referência religiosa da comunidade. Todos, inclusive os caciques, devem prestar contas e obediência ao sagrado que se manifesta naquelas águas.

---

<sup>62</sup> Seminário sobre a Filosofia dos mitos indígenas Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – Prof. Dr. Ricardo Vélez Rodríguez. p. 22 / GALINDO, Caballero; GARCIA, Lopez. *Mitos e lendas da Colômbia*.

Posteriormente, os conquistadores foram em busca desta grande riqueza que eles pensavam se tratar de uma cidade, em que seu rei – o rei dourado – o rei ouro, governasse a ponto da abundância de ouro, permitir o calçamento das ruas com este metal. Muitos conquistadores fizeram da busca do El Dorado o grande motivo de suas vidas, como fora o caso de Sebastián de Belalcázar, em Quito. Nicolás de Federmann, conquistador alemão, também foi em busca do El Dorado em 1535. Jiménez de Quesada partiu em 1536, também buscando a grande lenda da terra coberta pelo ouro.<sup>63</sup> Muitas buscas foram feitas e o grande El Dorado virou lenda na América, fazendo com que vários exploradores perdessem suas vidas nas arriscadas expedições.

## **VI - Conclusão**

A grande questão enfocada nos mitos ameríndios, em especial estes abordados do Cone Sul das Américas, é nos fazer refletir qual é a importância da figura do feminino, do materno, da mulher no berço de nossas comunidades. A mulher, que em tantas culturas promove a desordem, a separação, a quebra, o rompimento, aqui na América, em muitos casos, ela é justamente ao contrário, como sendo aquela provedora da vida, da união, da concórdia, da salvação dos povos, dos encontros e das cerimônias. O respeito pela figura do feminino passa, não só pelo ponto de vista cultural, mas pela relação em que as comunidades têm com sua religiosidade, com a terra, com o território e com suas mulheres. Há uma visão da **Pacha Mama**, que provê os seus, daquilo que necessitam. É perceber o feminino de uma ótica, valorizando a vida que a mulher carrega consigo e como esta vida é

<sup>63</sup> Outros pontos importantes e relatos podem ser vistos como no caso em que “después de haber derrotado a los Muiscas y haber establecido a Bogotá como la capital del Nuevo Reino de Granada, Quesada se dió cuenta que Federmann y Belalcázar también habían reclamado la misma tierra; en un pacífico encuentro llevado a cabo en Bosa, los convenció de regresar a España en 1539 y resolver el asunto. Mientras los tres entablaban batallas legales por la Nueva Granada, otros hombres continuaron la búsqueda. En 1541 Gonzalo Pizarro y Francisco de Orellana salen en pos de El dorado, y terminaron en un desastroso viaje por el Amazonas. Después de que se dividieron en dos grupos, Pizarro y sus hombres regresaron a Quito, mientras que Orellana continuó el viaje, descubriendo y dando nombre al  río Amazonas. En 1541, el explorador español, nacido en Alemania Felipe de Utre emprendió una infructuosa búsqueda de El dorado a lo largo del Amazonas en el territorio de Omagua. él encontró un territorio densamente poblado, pero ningún reino dorado. Walter Raleigh fue el primer explorador inglés en emprender la búsqueda, Raleigh partió para la Guyana como el la denominó en 1595. Navegó a lo largo del  río Orinoco hacia el interior de la Guyana, encontró algunos objetos de oro, pero nada de las dimensiones de la leyenda, después de lo cual publicó un libro sobre su viaje titulado *El descubrimiento de la Guyana* donde promovía la exploración del *Reino Dorado*.” [http://es.wikipedia.org/wiki/El\\_Dorado](http://es.wikipedia.org/wiki/El_Dorado)

fecunda numa terra que também é feminino, que também acolhe, que também faz brotar o seio da vida. A água se adiciona a este composto de feminilidade, recobrando seus valores e sentidos, naquilo que lhe faz ser mais bela – a providência da comunidade – seja no campo do material ou do espiritual.

Perceber o feminino na figura ameríndia é propor uma releitura de nossas culturas e da importância que as mulheres da América Latina vem assumindo aos poucos, de maneira muito ofuscada, por tudo que o processo de colonização nos fez perder, mas que passo a passo vem sendo retomado, em nossas vidas e no cotidiano de nossas comunidades.

### **VII – Bibliografia**

- 3) Seminário sobre a Filosofia dos mitos indígenas – Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – Prof. Dr. Ricardo Vélez Rodríguez. / GALINDO, Caballero; GARCIA, Lopez. *Mitos e lendas da Colômbia*.
- 4) Bíblia sagrada – Ave Maria
- 5) ABBAGNAMO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes.
- 6) Myth in Primitive Psychology, 1926, in Magic, Science and Religion, 1955.
- 7) MORALDI, Luigi. Evangelhos Apócrifos . Ed Paulus.